

# ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES EM LIBRAS: UM BREVE PANORAMA

## SENTENCE ARTICULATIONS IN LIBRAS: A BRIEF OVERVIEW

Bruno Gonçalves Carneiro **1**  
José Ishac Brandão El Khouri **2**  
Carlos Roberto Ludwig **3**

**Resumo:** A articulação de orações é uma estratégia gramatical encontrada em todas as línguas naturais. Esse fenômeno origina construções complexas que se manifestam em um contínuo gradiente (parataxe – hipotaxe - encaixamento), a partir da integração de níveis sintático, semântico e pragmático da língua em uso. O presente estudo é regido por uma perspectiva funcionalista da linguagem e objetiva descrever alguns processos de articulação de orações na libras. Em relação aos dados sobre a libras, percebemos a justaposição, o uso de conjunções, expressões faciais, aceno de cabeça prolongado, aceno de cabeça atrelado ao mouthing JÁ, o deslocamento do troco e a manutenção da mão não dominante (bóia) podem desempenhar um papel importante na articulação de orações ou, pelo menos, na coesão da sentença.

**Palavras-chave:** Orações complexas. Parataxe. Hipotaxe. Subordinação. Libras.

**Abstract:** Sentence articulation is a grammatical strategy found in all natural languages. This phenomenon originates complex constructions that are manifested in a continuous gradient (parataxis - hypotaxis - embedding), from the integration of syntactic, semantic and pragmatic levels of the language in use. The present study is governed by a functionalist perspective of language and aims to describe the process of articulating sentences in Brazilian Sign Language. Regarding data of Brazilian Sign Language, we see juxtaposition, use of conjunctions, facial expressions, prolonged head nodding, head nodding with mouthing NOW, displacement of change and the maintenance of the non-dominant hand (buoy) can play an important role in sentence articulation or, at least, in the cohesion of sentence.

**Keywords:** Complex sentences. Parataxis. Hypotaxis. Subordination. Libras

---

Universidade Federal do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2261247004986074>. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-7417-2548>.  
Email: [brunocarneiro@uft.edu.br](mailto:brunocarneiro@uft.edu.br) | **1**

Universidade Federal do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1033240573374954>. Email: [jose.brandao@uft.edu.br](mailto:jose.brandao@uft.edu.br) | **2**

Universidade Federal do Tocantins. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5920210250667780>. Orcid ID: <http://orcid.org/0000-0002-6846-5774>.  
Email: [carlosletras@uft.edu.br](mailto:carlosletras@uft.edu.br) | **3**

## Introdução

Todas as línguas humanas possuem estratégias para articular orações simples e formar orações complexas. O falante, diante dessas estratégias, articula orações com o objetivo de construir um novo significado, que será diferente da simples união entre partes (CARVALHO, 2004).

De acordo com Neves (2011), as relações entre as orações são amplas, considerando a integração dos componentes sintático, semântico e pragmático, e emergem a partir da proposição do falante durante o enunciado. Isso faz com que apareçam diferentes possibilidades de conexão entre um elemento oracional primário e um secundário. Daí a necessidade de uma visão sistêmica. Para entendermos a relação entre as orações, precisamos extrapolar campo sintático e das conjunções, e irmos para o campo semântico e das conceptualizações. Mais uma vez, o importante para o discurso é o tipo de proposição que emerge. Os conectivos explicitam as relações entre as orações, mas não as determinam.

O objetivo desse artigo é apresentar algumas estratégias de articulação de orações na língua de sinais brasileira – libras, nos níveis de parataxe, hipotaxe e subordinação. De acordo com Velupillai (2012), a parataxe diz respeito a uma relação entre orações de igual estatuto; na hipotaxe, a oração secundária funciona como um adjunto da oração primária; e na subordinação, a oração dependente faz parte da estrutura argumental da oração principal.

Durante a análise, estivemos atentos principalmente aos predicados que denotam ações. Os sinais que expressam a ideia de estado, como em BONITO (ser/ estar bonito), também foram entendidos como verbos e considerados na análise. Os dados aqui apresentados são (i) provenientes de conversas espontâneas via redes sociais, produzidos em interação bidirecional e assíncrona, (ii) coletados através de notações em campo, bem como (iii) textos sinalizados que compõem o Exame Nacional de Proficiência em Libras (Prolibras). Nos dois primeiros casos, os dados foram gravados por um dos autores deste trabalho para fins de ilustração.

## Articulação de orações nas línguas naturais

De acordo com Halliday (1985), os diferentes tipos de combinação entre orações acontecem a partir do cruzamento de dois eixos: tático e lógico-semântico. O primeiro eixo de combinação entre orações, intitulado de tático, seria um eixo de interdependência, em que estão previstos as relações de parataxe e hipotaxe, que por sua vez podem acontecer em vários níveis. A parataxe estabelece uma noção de correlação entre elementos de igual estatuto e a hipotaxe traz uma noção de relação que envolve dominância e modificação, ou seja, uma relação entre um elemento dependente e seu dominante. De acordo com Braga (2001), essas relações se aplicam a todos os elementos, como palavras, sintagmas ou orações. A partir do eixo tático, Carvalho (2004) explica que, tanto nas estruturas paratáticas como nas hipotáticas, há orações primárias (a primeira de uma construção paratática e a dominante em uma construção hipotática) e as orações secundárias (as que ocorrem depois das primárias em uma construção paratática e as dependentes em uma construção hipotática). A autora ressalta que o termo “primária” não tem o sentido de principal (oração mais importante), mas o sentido de nuclear ou matriz. É a partir dela que o outro segmento do complexo oracional segue. Mais uma vez, Neves (2001) coloca que nem sempre as orações primárias carregam a informação mais importante do discurso.

O segundo eixo, o lógico-semântico, seria um eixo em que se estabelece as relações semânticas e funcionais entre as orações conexas. Halliday (1985) agrupa essas relações em relações de expansão e de projeção. No primeiro caso, na relação de expansão, uma oração expande a outra, em situações em que uma elabora o conteúdo expresso pela outra (elaboração), acrescenta algo novo em relação ao conteúdo da oração primária (extensão), ou ainda, qualifica a outra através da expressão de um traço circunstancial, realçando algum aspecto da oração primária (encarecimento). No segundo caso, na relação de projeção, uma oração se projeta na outra.

Hopper e Traugott (1993 *apud* NEVES, 2001) apresentam um contínuo de articulação entre orações, que pode acontecer entre (i) um núcleo e um ou mais núcleos adicionais, e

entre (ii) um núcleo e um ou mais margens. Nesse contínuo de articulação entre orações, os autores consideram os parâmetros (i) dependência (independência/ interdependência ou dependência relativa/ dependência) e (ii) integração (coordenação/ co-subordinação/ subordinação). Isso remete a uma gradiência entre as relações de parataxe, hipotaxe e subordinação (encaixamento), ilustrado na Figura 1.

**Figura 1.** Contínuo de dependência e integração entre orações

PARATAXE	HIPOTAXE	SUBORDINAÇÃO
( - ) Dependência	( + ) Dependência	( + ) Dependência
( - ) Encaixamento	( - ) Encaixamento	( + ) Encaixamento

**Fonte:** Hopper e Traugott (1993 *apud* NEVES, 2001, p. 63)

Lehmann (1998) também apresenta alguns critérios para o estudo e descrição de articulação de orações nas línguas naturais. O autor apresenta os parâmetros (i) rebaixamento hierárquico e (ii) nível sintático das orações secundárias, que refletem o grau de autonomia ou integração da oração seguinte à oração primária. A relação dessa oração seguinte pode chegar a ser uma (dita) subordinada à oração primária. Uma oração, quando afetada pelo rebaixamento (ou desclassificação) pode se configurar uma oração subordinada (ou encaixada), que se manifesta como um constituinte da oração primária. A figura 2, a seguir, ilustra esse contínuo de rebaixamento.

**Figura 2.** Contínuo de rebaixamento (desclassificação)

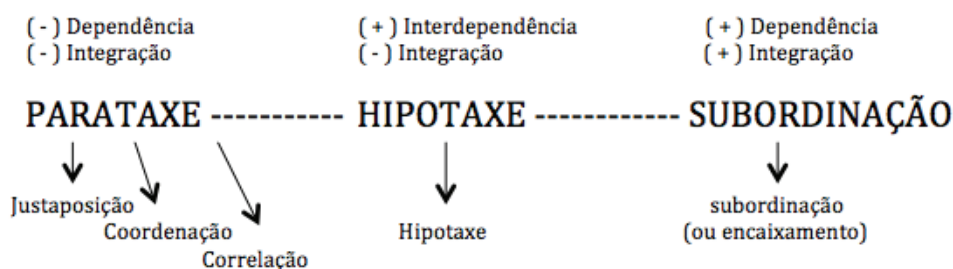
PARATAXE	-----		ENCAIXAMENTO
Orações independentes ( - ) Rebaixamento		<i>Contínuo de Rebaixamento</i>	Oração dependente ( + ) Rebaixamento

**Fonte:** Lehmann (1988, p. 7) - Adaptado

A partir de uma perspectiva funcional de articulação de orações, Carvalho (2004) pontua que a dicotomia entre coordenação e subordinação não consegue dar conta de todas as possibilidades de manifestação provenientes da conexão de orações. Em um contínuo gradiente, as possibilidades variam de forma tênue, indo de uma combinação mais sutil para uma combinação mais coesa. As orações no nível de parataxe, por exemplo, podem envolver o fenômeno de justaposição (orações adjacentes sob um mesmo contorno entoacional, sem o uso de um conectivo) e coordenação (uso explícito de um conectivo). As orações articuladas no nível da hipotaxe podem abranger tanto as orações adverbiais quanto as adjetivas explicativas, ou seja, aquelas que fazem parte da organização discursiva do falante (informação à parte), mas não funcionam como argumento da oração primária (nuclear). Por fim, as orações subordinadas (ou encaixadas), que funcionam como complemento de um sintagma (substantivas) ou modificam um nome (adjetivas restritivas), e cumprem um papel de argumento em relação à oração matriz. Mas, ainda de acordo com a autora, isso não impede, por exemplo, que um mesmo tipo de sentença complexa possa ter diferenças no padrão distribucional. Oração justapostas, por exemplo, podem estar articuladas num nível de hipotaxe (NEVES, 2001).

Um contínuo é apresentado por Lima (2002), também baseado nas discussões apresentadas acima (dependência, integração e as possibilidades no cruzamento dos eixos tático e lógico-semântico). A proposta surge para fundamentar a análise de orações complexas na língua portuguesa, a partir de dados da língua em uso. A figura 3, a seguir, ilustra o contínuo.

**Figura 3.** Contínuo de articulação de orações



**Fonte:** Lima (2002, p. 88)

Mais uma vez, a análise da articulação de orações não pode ter foco nas conjunções, mas nas proposições que emergem. As orações, uma vez articuladas, formam uma unidade semântica e, certamente, haverá um compartilhamento de elementos sintáticos, fazendo com que haja um apagamento de termos. Nesse processo, as orações podem perder elementos, adquirir propriedades prosódicas específicas, assumir características nominais como um todo, ou ainda, cumprir uma função de adjunto de uma oração matriz.

Nas seções seguintes, apresentamos alguns dados de orações complexas encontradas em nosso *corpus*, de acordo com os critérios funcionais abordados e a partir das categorias parataxe, hipotaxe e subordinação.

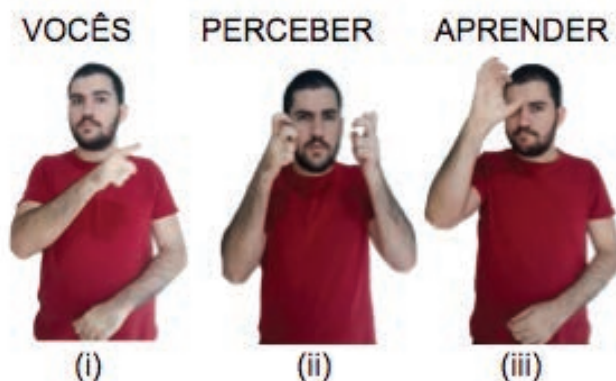
### Parataxe

A parataxe compreende na combinação de orações de igual estatuto para formar uma unidade semântica, seja por justaposição, seja através de um conectivo, e que possuem uma relativa independência. As orações que compõem essa unidade são igualmente importantes do ponto de vista informacional. Em geral, a articulação de orações a nível de parataxe envolve uma noção aditiva, adversativa e alternativa.

De acordo com Quer et al (2017), devido a modalidade das línguas de sinais, a marcação não manual pode desempenhar um papel importante nas orações relacionadas por parataxe. Essa marcação pode ter funções tanto morfossintáticas, quanto prosódicas. Marcadores não manuais, como piscar de olhos, expressões faciais, posição da cabeça e dos ombros e direção do olhar foram identificados, em várias línguas de sinais, como delimitadores de sentenças.

Os dados, a seguir, ilustram orações articuladas a nível de parataxe com a ideia de adição (aditiva), oposição (adversativa) e alternância (alternativa). As estratégias envolvem a justaposição, o uso de conectivos e o deslocamento do corpo.

( 1 ) Parataxe aditiva



**Fonte:** Leão (2019), em comunicação pessoal

**Tradução:** Vocês vão perceber e aprender.



A construção acima consiste de duas orações, a partir dos predicados PERCEBER e APRENDER, que estão conectadas por uma noção de adição, através da justaposição. Neste dado, não há uso de conectivo e não há marcação não manual específica.

( 2 ) Parataxe adversativa



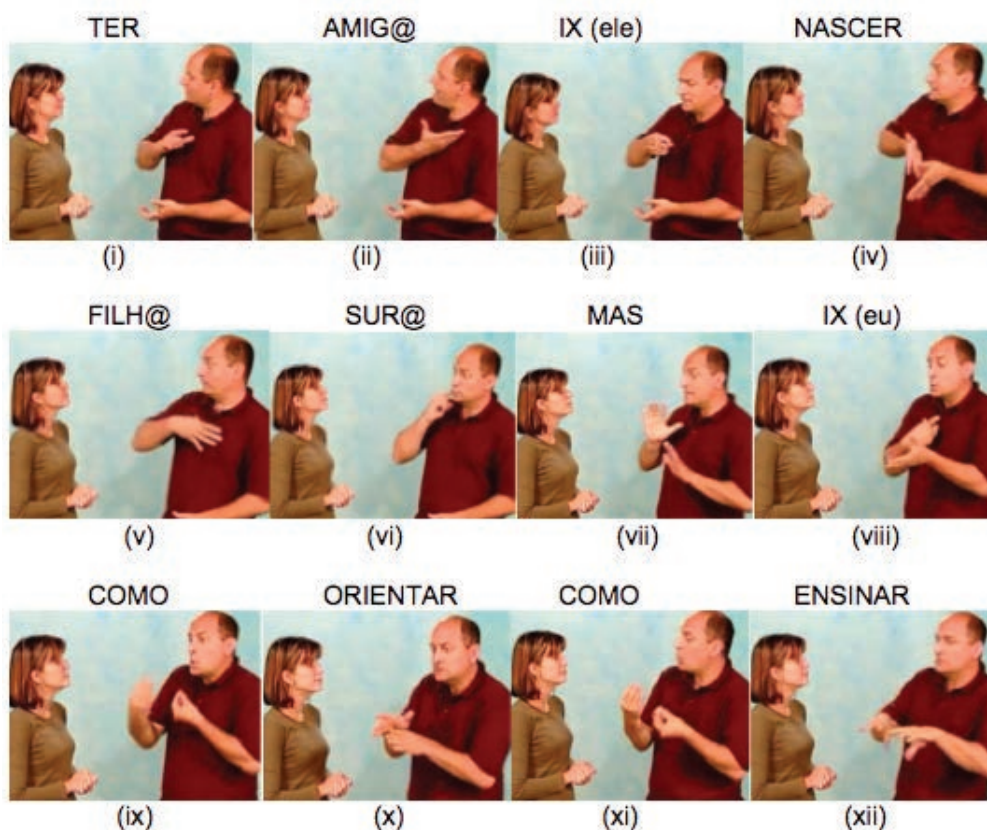
**Fonte:** Miranda (2019), em comunicação pessoal

**Tradução:** *Eu estudei tudo. (Mas) falta um, este (tema).*

Neste dado, em (2), há duas orações justapostas por uma noção de oposição, cujo sentido é atribuído pela proposição proveniente do contexto. A primeira oração vai de (i) a (iii), seguida de uma oração a nível de parataxe, de (iv) a (vi). Da mesma forma que o dado anterior, não há uso de conectivo.

O dado, a seguir, ilustra a articulação de orações a nível de parataxe com o uso de conectivo. De acordo com Rodrigues (2019), o sinal MAS pode ser considerado uma conjunção manual que introduz uma oração adversativa. Essa conjunção também está associada às noções de contraexpectativa, reificação (correção) e negação. A autora apresenta outras três conjunções adversativas em Libras, a partir de seus dados de análise, consideradas variações lexicais de MAS.

( 3 ) Parataxe adversativa



**Fonte:** Prolibras (2007)

**Tradução:** *Um amigo tem um filho surdo mas como orientá-lo, ensiná-lo?*

O conectivo MAS, ilustrado no trecho (vii), promove a conexão entre duas construções a nível de parataxe (adversativa).

( 4 ) Parataxe alternativa



**Fonte:** Diniz (2019), em comunicação pessoal.

**Tradução:** Ou a UFT, não sei quem da UFT, pagará a comida, ou os alunos vão dividir (as despesas) e levar?

O dado acima, em (4), ilustra o uso do espaço de sinalização como uma estratégia para articular orações. Na construção, há uma relação a nível de parataxe, com um sentido de alternância. A primeira construção, de (i) a (viii), é realizada com o tronco do sinalizante em uma posição neutra, enquanto a segunda oração, de (ix) a (xiv), parte é realizada com o tronco deslocado posterior e lateralmente em relação à posição inicial. Assim, cada uma das construções parecem ser articuladas em posições distintas no espaço de sinalização.

No dado acima, além do uso produtivo do espaço de sinalização, as orações são introduzidas por um conectivo. Os trechos de (i) a (viii) correspondem à primeira parte da construção e, além de ser articulada com o tronco em uma posição neutra, é introduzida pelo sinal OU. Os trechos de (ix) a (xiii) correspondem à segunda parte da construção, em que parte é articulada com o tronco em uma posição inclinada (especificamente entre os trechos de (x) a (xii), e também é introduzida por OU.

## Hipotaxe

Uma oração começa a partir de um predicador, de forma que o predicador é a base da organização do sintagma verbal que, por sua vez, aciona a estrutura argumental.

Em uma construção sintática, pode haver elementos que ajudam a construir o enunciado mas que não são elementos exigidos pelo predicado, ou seja, compõem a cena discursiva funcionando como satélites. Seguindo esse princípio, toda uma oração pode funcionar como satélite de uma oração principal.

As orações satélites estão articuladas a nível de hipotaxe e funcionam como um adjunto da oração principal, proporcionando um realce, ou ainda, um aspecto circunstancial da oração matriz. A oração hipotática, de alguma forma, orienta o interlocutor para a mensagem que se quer transmitir, organizando o discurso e conduzindo o interlocutor à mensagem dita. Mais ainda, orienta-o para um cenário em que o evento se desenrola.

As orações articuladas por hipotaxe atuam na formação de um discurso coeso e coerente, já que funcionam como uma circunstância da oração principal, ajudando a construir o enunciado. Mas não cumprem o papel de argumento da oração principal, porque não são exigidas pela predicação. Dessa forma, a hipotaxe é uma opção do falante.

Na hipotaxe, existe a oração primária, considerada a oração dominante, e a oração secundária, considerada a oração dependente. De acordo com Neves (2001), o termo “primária” não tem o sentido de principal mas o sentido de nuclear ou matriz, pois é a partir dela que o outro segmento do complexo oracional segue. A autora ressalta que nem sempre as orações primárias carregam a informação mais importante do discurso.

As orações hipotáticas correspondem às orações adverbiais e às orações adjetivas explicativas, também conhecidas como relativas não restritivas. Os dados, a seguir, ilustram orações adverbiais com a ideia de finalidade, tempo e condição.

### ( 5 ) Hipotaxe adverbial de finalidade assindética



**Fonte:** Leão (2019), em comunicação pessoal

**Tradução:** Cada grupo vai trazer seu computador (para) organizar e editar a filmagem com a escrita de sinais, certo?



No dado em (5), há uma relação de hipotaxe adverbial de finalidade. A primeira parte da construção, nos trechos de (i) até (viii) corresponde à oração principal, enquanto a segunda parte da construção, nos trechos de (ix) até (xiv), diz respeito à oração dependente, indicando uma finalidade. Não há sinal lexical que indique essa relação, apenas a proposição proveniente do contexto. Mas, há uma marcação não manual específica: a elevação do queixo e diminuição do olhar, nos trechos (ix) e (x), que marcam o início da oração hipotática de finalidade.

Sobre as construções hipotáticas adverbiais temporais, Lima (2002) estabelece que tais sentenças situam um conjunto de eventos em algum lugar na linha do tempo. Nesse sentido, o sinalizante opta por marcar temporalmente um acontecimento da oração nuclear em relação a um evento na oração dependente. Em geral, a relação temporal estabelecida entre os dois eventos pode ser expressada de duas maneiras: simultânea ou não-simultânea.

No caso de hipotaxe temporal *simultânea*, os eventos na oração dependente são expressos de forma simultânea aos eventos expressos na oração nuclear, ou seja, os dois eventos acontecem ao mesmo tempo. O dado, a seguir, ilustra orações articuladas a nível de hipotaxe adverbial, através de uma estratégia específica da modalidade gestual-visual: manutenção da mão não dominante (bóia). Na sentença, o sinalizante permanece com a mão não dominante em suspensão, criando uma espécie de cenário de fundo, enquanto a mão dominante segue com o discurso do narrador. Dessa maneira, o tempo do evento na oração principal é situado em relação ao tempo do evento codificado na mão em suspensão.

#### ( 6 ) Hipotaxe adverbial temporal (simultâneo)



**Fonte:** Miranda (2019), em comunicação pessoal.

**Tradução:** Enquanto eu empurrava a bicicleta, *os homens debochavam e fiquei com medo*

Do ponto de vista discursivo, o corpo do sinalizante pode ser segmentado, de maneira a representar participantes visíveis, participantes invisíveis, a fala do narrador, bem como o estado de participantes; tudo isso de maneira simultânea (CARNEIRO, 2015; CARNEIRO; OLIVEIRA, 2017). Em (6), o sinalizante segmenta seu corpo de tal forma que, uma das mãos codifica o discurso do narrador e a outra mão codifica a ação de um participante. Essa estratégia de segmentação do corpo, com uma das mãos em permanente suspensão (configurada de maneira a segurar o guidão de uma bicicleta, codificando a sentença “Enquanto eu empurrava a bicicleta”), situa o tempo dos eventos de maneira simultânea. Assim, os eventos codificados pelo narrador, articulados de maneira monomanual (“os homens debochavam e fiquei com medo”), acontecem ao mesmo tempo em que o personagem empurra a bicicleta. Mais uma vez, uma das mãos permanece em suspensão enquanto o discurso do narrador acontece, situando, assim, o tempo do acontecimento da oração principal em relação ao tempo do evento da oração dependente.

Observamos que nos trechos (iv) e (v), a atribuição das mãos se alternam. A mão esquerda, que inicialmente representava o discurso do narrador, passa a funcionar com bóia



(participante empurrando a bicicleta), enquanto que a mão direita, antes atuando como bóia, agora, passa codificar o discurso do narrador.

O uso alternado das mãos também serve para articular orações em línguas e sinais (TANG; LAU, 2012). Ao observarmos apenas a ação da mão que codifica o discurso do narrador, reconhecemos que o uso alternado das mãos promove a articulação de duas orações a nível de parataxe. Num primeiro momento, nos trechos de (i) a (iii), a mão esquerda codifica a oração IX(ele) HOMEM SORRIR (tradução: os homens debochavam). Após, as mãos se alternam e nos trechos (iv) e (v), a mão direita codifica a oração IX(eu) MEDO (tradução: fiquei com medo). Essas orações, oriundas do discurso do narrador, foram articuladas através do uso alternado das mãos. Enquanto isso, a bóia permanece, também de maneira alternada.

Nos casos de hipotaxe temporal *não-simultânea*, o evento da sentença hipotática e o evento da sentença principal acontecem em tempos distintos. O dado (7), a seguir, ilustra uma hipotaxe temporal *não-simultânea* por justaposição.

( 7 ) Hipotaxe adverbial temporal (não simultâneo)



Fonte: Feitosa (2019), em comunicação pessoal

Tradução: *Então, quando o trabalho terminar às 7h, vou na sua casa (...)*

Na construção em (7), há uma relação de hipotaxe. A primeira parte da construção, trechos de (i) até (vi), diz respeito à oração adverbial que funciona como marca de tempo para a oração matriz. Não há sinal lexical que indique essa relação, apenas a proposição proveniente do contexto discursivo, embora a oração hipotática temporal seja marcada pelo sinal PRONTO. O tempo do evento na oração adverbial acontece antes do tempo do evento na oração matriz.

Os dados, a seguir, ilustram orações hipotáticas adverbiais temporais marcadas por uma expressão não manual, que compreende um aceno de cabeça e um *mouthing*. Neste caso, a boca simula a articulação da palavra JÁ, em português. Nas sentenças, a seguir, essa marcação não manual está posposta à oração hipotática adverbial de tempo. Em (8), o aceno de cabeça e o *mouthing* estão ilustrados nos trechos (ii) e (iii); em (9), nos trechos (iii) e (iv); em (10), nos trechos (iv) e (v).

( 8 ) Hipotaxe adverbial temporal (não simultâneo)

FORMAR ACENO DE CABEÇA+mouthing VAGA TRABALHAR



(i)

(ii)

(iii)

(iv)

(v)

**Fonte:** KHOURI (2019), em comunicação pessoal.

**Tradução:** Quando eu formar, começo a trabalhar

( 9 ) Hipotaxe adverbial temporal (não simultâneo)

DINHEIRO DENTRO+++ ACENO DE CABEÇA+mouthing VIAJAR



(i)

(ii)

(iii)

(iv)

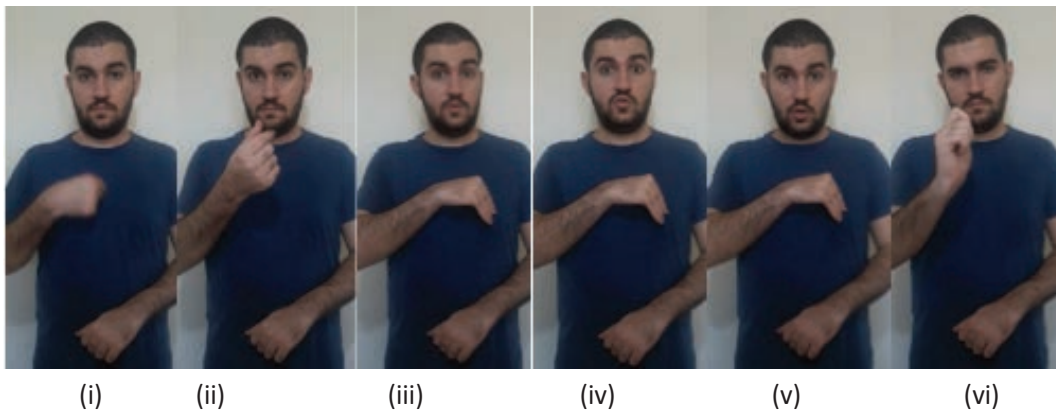
(v)

**Fonte:** KHOURI (2019), em comunicação pessoal.

**Tradução:** Quando eu juntar dinheiro, eu vou viajar.

(10) Hipotaxe adverbial temporal (não simultâneo)

IX            DINHEIRO            SALÁRIO            ACENO DE CABEÇA+mouthing    <sub>1</sub>PAGAR<sub>2</sub>



**Fonte:** KHOURI (2019), em comunicação pessoal.

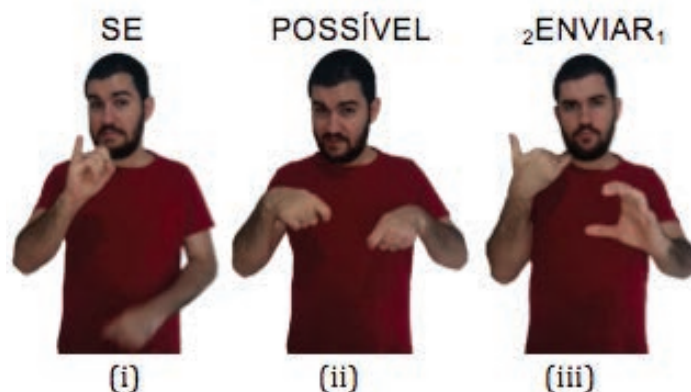
**Tradução:** Quando eu receber o salário, eu te pago.

O último tipo de articulação por hipotaxe adverbial, apresentado neste artigo, é a de condição. De acordo com Lima (2002), a condicionalidade do ponto de vista lógico, é representada por uma construção binária, em que há uma proposição condicionante (prótase) e uma proposição condicionada (apódose). A relação entre essas duas proposições é representada por “se prótase, então apódose”. Neste caso, a oração condicionante é entendida como condição necessária e suficiente para o conteúdo expresso na oração condicionada.

Em geral, há três tipos de construções hipotáticas adverbiais condicionais: factuais (ou reais), contrafactuais (ou irrealis) e eventuais (ou potenciais). As construções factuais relacionam conteúdos no mundo real; nas construções contrafactuais, o conteúdo expresso pela oração condicionante (apótese) é irreal; e nas construções eventuais, o conteúdo expresso pela oração condicionada (prótase) pode acontecer ou não, dependendo de a condição ser preenchida (ou não).

O dado (11), a seguir, ilustra uma construção complexa na libras, articulada a nível de hipotaxe adverbial de condição. A oração hipotática expressa uma relação condicional do tipo eventual e possui uma conjunção (o sinal SE) e uma marcação não manual específica (elevação de sobrelhas).

(11) Hipotaxe adverbial condicional



**Fonte:** Miranda (2019), em comunicação pessoal

**Tradução:** *Se for possível, me envie.*

Na construção (11), acima, há uma relação de hipotaxe adverbial de condição, conforme mencionado. A primeira parte da construção, trechos (i) e (ii), diz respeito à oração dependente. Há um sinal lexical que indique essa relação (sinal SE) – trecho (i), bem como uma expressão facial característica (elevação de sobrancelhas), percebida nos trechos (i) e (ii). A oração condicionada está representada no trecho (iii).

O dado em (12), a seguir, ilustra uma construção a nível de hipotaxe adverbial de condição, do tipo eventual, mas sem um conectivo, embora a construção apresente a mesma marcação não manual, no dado anterior.

(12) Hipotaxe adverbial de condição



**Fonte:** Feitosa (2019), em comunicação pessoal

**Tradução:** *(Se) você não precisa, busco o carro e guardo lá na casa do meu amigo surdo.*

Na construção em (12), também há uma relação de hipotaxe adverbial de condição. A primeira parte da construção, trechos de (i) a (iv), diz respeito à oração dependente. Não há sinal lexical que indique essa relação, mas há uma expressão facial característica (discreta ele-



vação de sobrancelhas) que cobre toda a oração dependente, conforme também foi verificado na construção em (11).

Nos dados, observamos a articulação de orações do tipo hipotaxe adverbial de condição a partir de um aceno de cabeça. O aceno de cabeça parece cumprir a função de um conectivo na articulação de orações nas línguas de sinais (TANG; LAU, 2012). Essa marcação acontece com um aceno forte e estendido, a acompanhar a segunda oração, numa maneira de afirmar uma proposição entre as orações. O dado, a seguir, ilustra a articulação de orações na libras, a nível de hipotaxe, a partir deste aceno de cabeça. A proposição entre as orações estabelece uma relação de condição (primeira oração) para efetivar o evento seguinte (segunda oração).

(13) Hipotaxe adverbial de condição (com aceno de cabeça)

ESCOLA

TER

BILÍNGUE



(i)  
TER

(ii)  
PROFESSOR

(iii)  
SURDO



(iv)  
LIBRAS

(v)  
ACENO CABEÇA + IX

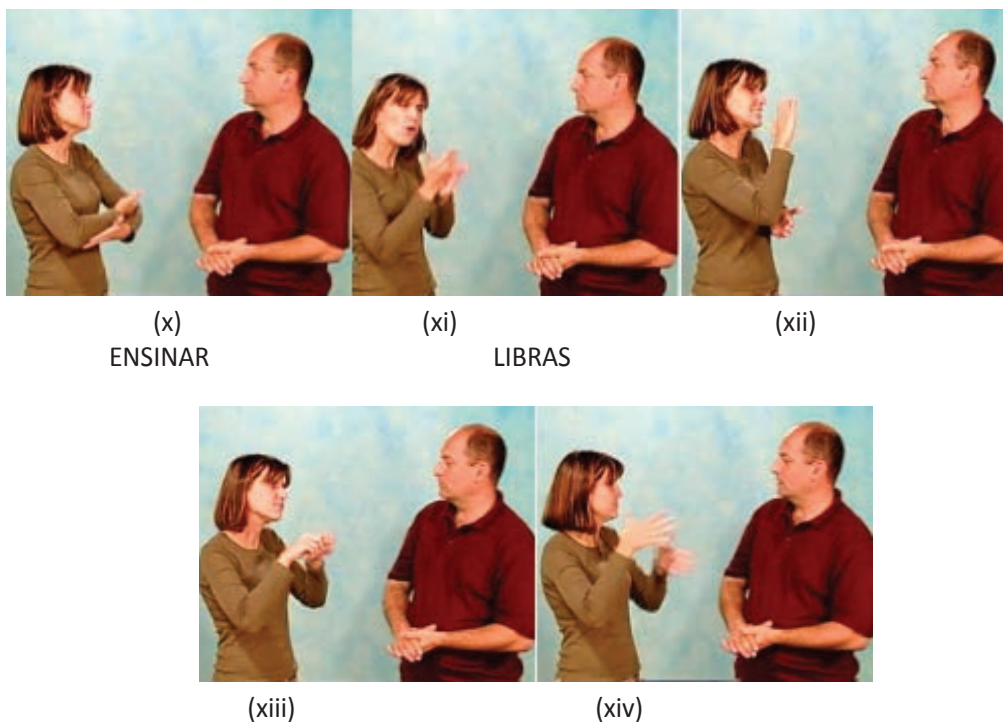
(vi)  
ACENO CABEÇA + IX



(vii)  
ACENO CABEÇA + BEBÊ

(viii)  
COMEÇAR

(ix)  
C-E-D-O



**Fonte:** Edição do Prolibras (2007) – Questão 05

**Tradução livre:** *Caso tenha escola bilíngue e tenha professor surdo sinalizante, a criança surda pode desde cedo ter acesso à libras.*

A construção acima é formada por duas orações justapostas, seguidas pelo aceno de cabeça prolongado, nos trechos de (viii) a (x), que funciona como uma conjunção, a confirmar uma condição a fim de que o evento, codificado na construção seguinte, aconteça.

### **Subordinação (encaixamento)**

Conforme mencionado anteriormente, uma oração começa a partir de um predicador que vai selecionar os seus argumentos. Estes, por sua vez, atendem a certos critérios exigidos pela semântica do predicador. Por analogia, as mesmas relações sintáticas que se estabelecem em uma oração simples, também vão acontecer em orações complexas.

A transitividade do predicador é a característica básica que vai determinar a estrutura argumental da oração. No caso de uma oração complexa, ao invés de um termo, toda uma oração funciona como argumento de um predicador. Dessa maneira, o fenômeno de encaixamento vai atender a uma necessidade sintática porque as orações subordinadas cumprem um papel de argumento em relação à oração matriz.

No encaixamento, há uma relação de dependência completa entre a oração subordinada e a oração matriz. A oração dependente (encaixada) faz parte da estrutura argumental da oração principal, sendo sua presença obrigatória, diferente da oração hipotática, que faz parte do discurso mas não faz parte da estrutura sintática da oração principal.

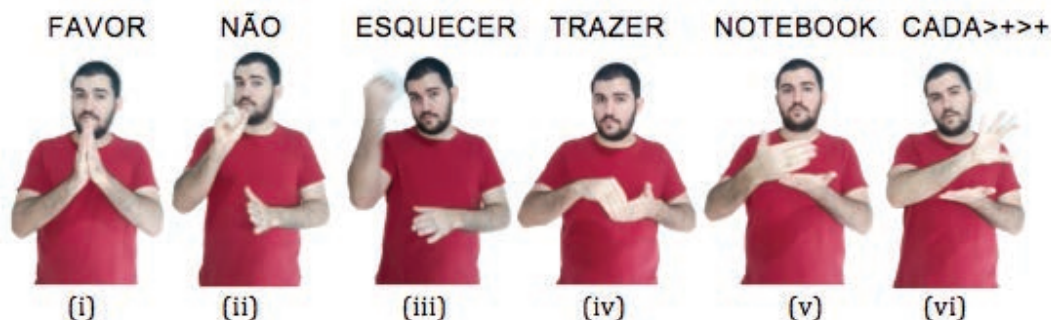
As orações subordinadas (encaixadas) podem funcionar como (i) um argumento (orações subordinadas substantivas), ou como (ii) um modificador (orações subordinadas adjetivas restritivas).

As orações subordinadas substantivas são sentenças que exercem a mesma função de um substantivo dentro da oração principal, ocupando a posição sintática equivalente a um sintagma nominal. Em termos funcionais, correspondem ao argumento de um predicado. No caso de sujeito oracional, haveria um verbo de estado que predica uma oração, ou seja, uma oração matriz predica uma oração com função de sujeito. No caso de objeto oracional, a oração principal predica uma outra oração com função de objeto.

As orações subordinadas adjetivas restritivas funcionam como modificadores, uma es-

pécie de adjetivo da oração principal. Uma língua pode individualizar (modificar) um referente a partir de várias estratégias, que podem abranger (i) o uso de adjetivo (um único lexema), (ii) uma locução adjetiva, ou ainda, (iii) uma oração. Nesse caso, toda uma oração passa a ser o predicador (adjetivo). Assim, uma oração subordinada adjetiva restritiva, ou oração relativa, funciona como um adjetivo. Em (14), a seguir, a oração subordinada exerce a função de objeto direto.

(14) Oração subordinada substantiva, com função de objeto



Fonte: Leão (2019), em comunicação pessoal

Tradução livre: *Por favor, não esqueçam de trazer os computadores de vocês*

A construção (14), é um exemplo de articulação por encaixamento. A oração matriz abrange o trecho (i) até o trecho (iii) e a oração subordinada, que funciona como objeto direto da primeira, inicia na imagem (iv) até (vii). Ou seja, a segunda oração faz parte da estrutura argumental da primeira. A articulação acontece por justaposição.

### Algumas considerações

As línguas de sinais, enquanto línguas naturais, são regidas pelos mesmos princípios funcionais de articulação de orações, discutidos inicialmente. Nesse sentido, as línguas de sinais podem apresentar padrões de manifestação para articular orações semelhante aos padrões encontrados nas línguas orais, bem como padrões de manifestação específicos a elas, provenientes da modalidade gestual-visual.

De acordo com Tang e Lau (2012), há poucos relatos de uso de conjunções em línguas de sinais para articular orações. A justaposição parece ser uma estratégia recorrente, ao invés da presença de uma conjunção explícita. Segundo os autores, há também estratégias específicas da modalidade gestual-visual, como (i) o uso alternado dos articuladores manuais, em que cada oração é articulado em uma das mãos, (ii) o deslocamento do corpo e (iii) o aceno de cabeça. Pfau e Stainbach (2016) mencionam ainda (iv) a manutenção da mão não dominante, em suspensão, como mais uma estratégia de articular orações em línguas de sinais.

Em relação aos dados apresentados sobre a libras, vimos o uso de (i) justaposição, (ii) conjunções (sinais manuais), marcações não manuais, tais como (iii) expressões faciais que envolvem o levantamento de sobrancelhas e o fechamento do olhar com elevação do queixo, (iv) o aceno de cabeça prolongado, (v) o aceno de cabeça atrelado ao *mouthings* (JÁ), e (vi) a manutenção da mão não dominante (boia) enquanto estratégias de articulação de orações.

As expressões faciais, desempenhando um papel prosódico, podem também delimitar algumas orações. No caso da elevação de sobrancelhas nas orações hipotáticas condicionais, seu escopo parece abranger a oração dependente. Da mesma forma, na oração hipotática de finalidade apresentada, houve marcação não manual específica que parece delimitá-la a partir de discreta elevação de queixo e de um discreto fechamento do olhar.

O movimento de cabeça prolongado para indicar condicionalidade e o movimento de cabeça atrelado seguido do *mouthings* (JÁ) para indicar temporalidade, parecem agir como conjunções (não manuais) articulando a oração hipotática à oração principal. As conjunções manuais nos dados apresentados, se referem ao conectivo adversativo (parataxe) – o sinal

MAS – e ao conectivo de condicionalidade (hipotaxe) – o sinal SE.

A justaposição parece perpassar por todos os tipos de articulação de orações aqui apresentadas: parataxe, hipotaxe e subordinação. Esse fenômeno nos convida analisar a articulação de orações na libras em uma perspectiva ampla, irmos além da predicação e da procura por conectivos. De acordo com Neves (2001), há diferentes possibilidades de conexão entre um elemento oracional primário e um elemento oracional secundário. A predicação é central na oração mas é importante estarmos atentos para a proposição que se estabelece entre as orações, durante o enunciado. Mais uma vez, as relações de significado entre as orações, por exemplo, podem acontecer por justaposição, sem a necessidade da presença obrigatória de um conectivo. O importante para o discurso é o tipo de proposição que emerge pois os conectivos explicitam as relações entre as orações, mas não as determinam.

Em relação à posição dos constituintes, a posição das orações dependentes na libras parece seguir o padrão tipológico estabelecido para as línguas (orais) do mundo. De acordo com Greenberg (1963), em sentenças que expressam condição, as orações condicionantes tendem a preceder as orações condicionadas, e em sentenças que expressam finalidade, a oração dependente tende a seguir a oração principal, exceto em línguas em que o objeto nominal sempre precede o verbo. Os dados apresentados sobre a libras seguem esse padrão tipológico.

Identificar as relações que são estabelecidas nas orações complexas não é tarefa fácil. A oração se refere a uma unidade sintática que se forma em torno do verbo. Mas a noção de oração considerando textos (corp)orais possui limites mais fluidos, principalmente quando se analisa língua acontecendo, ou seja, a maneira como a língua se manifesta com o cotidiano, pois, certamente, um sistema da língua dialoga com outros sistemas, influenciados por aspectos culturais e situacionais. Além disso, vale ressaltar que a estrutura sintática está a serviço de uma estrutura retórica maior.

Outros desafios estão postos, tais como as definições de nomes e verbos e, consequentemente, a delimitação das orações. Segundo Tang e Lau (2012), linguistas que descrevem línguas de sinais ainda são desafiados em identificar critérios objetivos e uma metodologia de análise padronizada. Em nossas análises, acompanhamos o fenômeno da predicação para delimitar as orações e consideramos os sinais como multifuncionais, ou seja, não podem ser alocados em categorias discretas e rígidas, numa oposição entre nomes e verbos, mas considerados em um contexto de uso<sup>1</sup>. Além disso, a tradução pode nos conduzir a algumas inferências e enviesar a identificação e análise de construções complexas na libras, porque as traduções são frequentemente baseadas em aproximações de conteúdo. Podemos, por exemplo, estar diante de duas orações independentes e não com orações articuladas.

Alguns sinais que possuem uma função de marcação de tempo em um sintagma verbal, pode conduzir o analista a categorizá-lo como um conectivo. Esse parece ser o caso do sinal PRONTO, por exemplo. Por isso a necessidade de desenvolver critérios mais objetivos para definir um marcador manual (ou não manual) como um conectivo. Nesse sentido, conforme sugere Pfau e Stainbach (2016) é preciso estabelecer testes para nos ajudar a distinguir orações dependentes/ subordinadas de estruturas independentes/ não subordinadas. Alguns desses testes, provavelmente, devem ser específicos da modalidade e aplicados apenas a línguas de sinais.

A análise também deve verificar os elementos prosódicos. Por isso é importante analisar dados da língua em uso, coletados e tratados de maneira que nos permita considerar de maneira mais objetiva tais elementos, como pausa distintiva e contornos entoacionais. Na justaposição, por exemplo, duas ou mais orações se articulam sem um conectivo formal. Mas, do ponto de vista entoacional, cada uma das orações, provavelmente, tem o seu padrão próprio, o que vai diferenciar essa articulação de outras relações.

Mais uma vez, a articulação de orações deve ser vista considerando os componentes

---

1 Nesse sentido, Felipe (2006) menciona o processo de derivação zero na formação de palavras na língua de sinais brasileira. Na Libras, a exemplo, segundo a autora, existem alguns pares de verbo/substantivo ou de verbo/adjetivo que possuem a mesma forma. O mesmo acontece com a Auslan (Austrália), em que a definição da classe gramatical de alguns sinais é definida pelo contexto. Em alguns casos, a distinção do sinal em nome ou verbo acontece quando o sinal é modificado (flexionado) de alguma maneira (JOHNSTON; SCHEMBRI, 2007).



pragmático, semântico e sintático, a serviço da retórica do falante, já que os conectivos evidenciam as relações entre as orações, mas não as determinam.

## Referências

BRAGA, Maria Luiza. **Processos de combinação de orações: enfoques funcionalistas e gramaticalização**. Scripta. Belo Horizonte, v. 5, n.9, p. 23-34, 2º semestre, 2001.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. O corpo na concepção de eventos na língua de sinais brasileira. **Antares**, v. 7, n. 14, jul/dez, 2015.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves; OLIVEIRA, Christiane Cunha de. O evento e o estado dos participantes na língua brasileira de sinais. **Via Litterae**, v. 9, n. 1, 2017.

CARVALHO, Cristina dos Santos. Processos sintáticos de articulação de orações: algumas abordagens funcionalistas. **Veredas**. Juiz de Fora, v. 8, n.1, p. 9-27, jan/dez, 2004.

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2ª edição, 2013, p. 157-176.

GREENBERG, Joseph H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: GREENBERG, Joseph H. (Ed.). **Universals of Language**. Stanford: Stanford University Press, 1963, p. 58-90.

HALLIDAY, M, A. K. **An introduction to functional grammar**. Great Britain, Edward Arnold, 1985.

LELAND, McCleary; VIOTTI, Evani. **Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB)**. In: LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira. Goiânia: Cãnone Editoração, 2007, p. 73-96.

LELAND, McCleary; VIOTTI, Evani; LEITE, Tarcísio de Arantes. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. **Alfa**. São Paulo, v. 54, n.1, p. 265-289, 2010.

LIDDELL, Scott. **Grammar, gesture e meaning in American Sign Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. Estudar os usos linguísticos. Ou: a visão funcionalista da linguagem. In: \_\_\_\_\_. **Texto e gramática**. São Paulo: Editora Contexto, 2006, p. 15-34.

NEVES, Maria Helena de Moura. O tratamento da articulação de orações. In: \_\_\_\_\_. **Descrição do português: definindo rumos de pesquisa**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001, p. 55-66.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística**. Fundamentos epistemológicos. Volume 3. São Paulo: Cortez Editora, 3ª edição, 2007, p. 165-218.

LEHMANN, Christian. Toward a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J. & THOMPSON, S. (Eds.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1988, p. 181-225.

LIMA, Ana. **Relações hipotáticas adverbiais na interação verbal**. 190f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2002.

PFAU, Roland; STEINBACH, Markus. Complex sentences in sign languages. Modality, typology, discourse. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; HERRMANN, Annika. (Eds.). **A Matter of Complexity**. Subordination in Sign Languages. Boston/ Berlin: Ishara Press, 2016.

RODRIGUES, Angélica. As orações adversativas na Língua Brasileira de Sinais: uma abordagem semântico-funcional. **Sensos**, v. 6, n.1, 2019.

TANG, Gladys; LAU, Prudence. Coordination and subordination. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. (Eds.). **Sign Language**. An International Handbook. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 340-365.

VELUPILLAI, Viveka. **An introduction to Linguistic Typology**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.

ZESHAN, Ulrike. 'Classificatory constructions in Indo-Pakistani sign language: Grammaticalization and lexicalization processes. In: EMMOREY, Karen. **Perspectives on classifier constructions in sign languages**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2003b. Cap. 6. p. 113-141.

QUER, Josep; CECCHETTO, Carlo; DONATI, Caterina; GERACI, Carlo; KELEPIR, Meltem; PFAU, Roland; STEINBACH, Markus. (Eds.). **Sign Gram Blueprint**. A Guide to Sign Language Grammar Writing. Berlin/ Boston: Walter de Gruyter GmbH, 2017.

Recebido em 30 de abril de 2020.  
Aceito em 25 de novembro de 2020.